

---

# Considerações sobre a Primeira Tríade da Ciência da Lógica de Hegel<sup>1</sup>

Considerations on the First Triad Science of Logic of Hegel

Jaderson Borges Lessa<sup>2</sup> e

Lucas Duarte Silva<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente estudo tem como objetivo expor, de maneira suficiente, sobre a primeira tríade da *Lógica* de Hegel, a saber: *ser, nada e devir*. Para tanto, seguiremos a seguinte estrutura: primeiro faremos algumas considerações iniciais sobre o que antecede a primeira tríade; embora superficiais, elas serão importantes para a exposição do próprio texto hegeliano sobre a tríade; para, num terceiro momento, baseando-nos nas observações do próprio Hegel, tecer algumas observações sobre a concepção de Hegel.

**Palavras-chave:** Ser; nada; devir; Ciência da Lógica.

**Abstract:** The present study aims to expose, so enough, about the first triad of the Logic's Hegel, namely: being, nothing and becoming. For this, we will follow the following structure: first we will briefly initial on before the first triad; although superficial, they are important to the statements of the text on the Hegelian triad; for, in a third moment, based on the observations of Hegel himself, a few observations about the conception of Hegel.

**Keywords:** Being; nothing; becoming; Science of Logic.

---

<sup>1</sup> Este texto é resultado de um seminário apresentado na disciplina “Introdução à Ciência da Lógica de Hegel”, ministrada pelo Professor Dr. Agemir Bavaresco e pelo Professor visitante Dr. Christian Iber, na PUCRS, em 2013/1. Agradecemos a todas as considerações feitas naquelas apresentações, sem as quais este texto não seria possível, muito nos beneficiamos para a revisão do texto como agora se apresenta.

<sup>2</sup> Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. E-mail: jadersonbl@gmail.com e jaderson.lessa@acad.pucrs.br

<sup>3</sup> Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Bolsista PROSUP/CAPES. Professor vinculado à área de Ética e Conhecimento da Universidade de Passo Fundo – UPF. E-mail: lucasfilo@gmail.com

## 1. Considerações Iniciais

Antes de adentrarmos na primeira tríade da *Ciência da Lógica* de Hegel, é importante ressaltar alguns pontos percorridos pelo próprio Hegel antes de tratar da questão. Entre eles, destacamos os seguintes: a) o absoluto (ou a ideia absoluta, ou ainda a Verdade) se revela, ou se manifesta, no pensar correto; sendo que a lógica é o pensar correto; b) o objeto da lógica são as categorias *em si* e *para si*; c) isso significa que a lógica de Hegel é reflexiva; ela distingue-se da lógica formal (platônica-) aristotélica, que teria “apenas” princípios fixos, que não tematizaria a relação interna entre eles; d) o lógico, em Hegel, teria, como mostra o § 79 da *Enciclopédia*, três momentos de todo o conceito e todo o verdadeiro enquanto tal, seus momentos constitutivos, a saber:

(i) *o abstrato ou intelectual* (na qual as determinações finitas são válidas justamente em seu isolamento);

(ii) *o dialético ou negativo-racional* (que aponta as contradições nas categorias isoladas); e, por fim,

(iii) *o especulativo ou positivo-racional* (que desenvolve uma concepção afirmativa, a qual evita ou resolve a contradição compreendendo ‘a unidade das determinações em sua oposição<sup>4</sup>’);

Vimos também: (e) que o momento dialético é o próprio suprimir-se de tais determinações finitas e a sua transição para as determinações opostas; na qual ela é a natureza própria e verdadeira das determinações do entendimento, das coisas e do finito em geral<sup>5</sup>. Além de (f) que o momento especulativo ou positivo racional apreende a unidade das determinações na sua oposição, gerando assim um resultado real e concreto, uma vez que não se trata de uma unidade simples e formal, mas a unidade de determinações diversas;

E, por último, (g) Hegel apresenta a divisão da lógica<sup>6</sup> em:

i) *A doutrina do ser* (na sua imediatidade, o conceito em si);

ii) *A doutrina da essência* (na sua reflexão e mediação, o ser para si e a aparência do conceito);

iii) *A doutrina do conceito e da ideia* (no seu retorno a si mesmo, o conceito em si e para si);

---

<sup>4</sup> Hegel, *Enciclopédia*, § 82.

<sup>5</sup> Hegel, *Enciclopédia*, § 81.

<sup>6</sup> Hegel, *Enciclopédia*, § 83.

Posto isso, ressaltamos que o tema trabalhado neste pequeno estudo refere-se à primeira seção da Lógica, a *doutrina do ser*; mais precisamente: da qualidade. A qualidade é definida por Hegel como a “determinidade idêntica com o ser, de modo que uma coisa deixa de ser o que é, quando perde sua qualidade”<sup>7</sup>. É nestes parágrafos que Hegel apresenta a primeira tríade de conceitos (ou categorias): *Ser, Nada e Devir*.

Propomos como questões norteadoras as seguintes: 1 - O que é o *Ser*? 2 - O que é o *Nada*? 3 - O que é o *Devir*? 4 - Como as abstrações *Ser* e *Nada* se relacionam com a categoria da finitude? 5 - Ao invés do *Nada*, o contra-conceito de *Ser* não seria o *Não-Ser*? 6 - A contradição presente na dialética hegeliana é contraditória nos termos da lógica formal? Isto é, ela fere o princípio da não contradição? Se não for o caso, que espécie de contradição é esta evocada por Hegel? 7 - Será que a pergunta de Höslle (a saber: “será que Hegel teve razão ao pôr – contra toda a tradição anterior a ele – a qualidade antes da quantidade?”<sup>8</sup>) realmente procede?

Não obstante, convém sublinhar aqui, que nosso objetivo não é esgotar o tema proposto, nem apresentar uma tese original sobre o mesmo. Neste estudo, queremos, sim, descrever de maneira suficiente os passos de Hegel e mostrar a importância da primeira tríade para a lógica hegeliana. Para tanto, dividiremos o texto em dois momentos: num primeiro, faremos uma reconstrução muito próxima ao texto do filósofo alemão; e, num segundo momento, utilizaremos as observações de Hegel sobre a tríade.

## **2. A reconstrução e a apresentação da primeira tríade da Lógica: *ser, nada, devir***

Inicia-se o texto de Hegel com uma delimitação sumária da doutrina do *ser*. O “*ser* é o imediato indeterminado”, uma vez que diante da essência ele não possui nenhuma determinação, nenhuma mediação. Ele é o ser tal como é imediatamente e apenas *em si* mesmo; por conta disso, *em si* está presente o caráter da indeterminidade em oposição ao determinado (ou qualitativo). Mas, diante do ser em geral, surge o ser determinado como tal, mostrando que a indeterminidade é a sua qualidade. Com isso, se mostrará, diz Hegel, que: (1º)

---

<sup>7</sup> Hegel, *Enciclopédia* § 85, Adendo, p. 174.

<sup>8</sup> Cf. 2008, p. 184.

ser é determinado *em si* e (2º) passa para *a existência*; entretanto, como ser finito, ele se supera e na relação infinita do ser consigo mesmo e passa para (3º) o *ser-para-si*.

Essas três formas do *ser* são, como menciona Hegel, as primeiras e as mais pobres<sup>9</sup> (abstratas). A consciência imediata (sensível) é limitada pelas determinações abstratas da qualidade e da quantidade; neste sentido, com relação ao conteúdo do próprio pensamento, a consciência sensível é a mais pobre e mais abstrata. Ela é considerada concreta segundo a matéria que possui (quando possui um pensamento). Mas, o *ser puro* (ou o puro pensamento) não tem “nenhuma determinação ulterior. Em sua imediatidade indeterminada ele é apenas igual a si mesmo e não desigual diante de um outro, não possui nenhuma diversidade no interior de si nem para o exterior”<sup>10</sup>. Bem, o que isso quer dizer?

O *ser puro* como começo não pode ser mediado e determinado por alguma coisa. Por isso, ele deve ser tomado como imediato indeterminado. Mas, isso não significa um mero vazio, como lembra Luft, e, sim, a “única determinação válida para todas as coisas, ou seja, um sinônimo de absoluto”<sup>11</sup>. Hegel retoma aqui a discussão sobre a necessidade de determinar um começo na ciência. Poderíamos, diz ele, tomar o ‘ser’ como:

Eu=Eu, como a *absoluta indiferença* ou *identidade* etc. [...] ou por uma definição ou uma intuição do *Verdadeiro Absoluto*, poderiam essas formas e outras semelhantes ser vistas como se devessem ser as primeiras. Mas, enquanto no interior de cada uma dessas formas já existe *mediação*, elas não são verdadeiramente as primeiras<sup>12</sup>.

Somente encontraremos o começo na imediatez pura que é o *ser*, “a carência-de-determinação prévia a toda a determinidade”<sup>13</sup>.

Por ser pensamento puro, ele não pode ser intuído ou representado. Por isso, lemos: “não há nada a intuir nele [...]. Tampouco é possível pensar algo nele”<sup>14</sup>; não há nenhuma determinação ou nenhuma mediação. Contudo, diz

---

<sup>9</sup> Hegel, *Enciclopédia*, § 85, Adendo, p. 174.

<sup>10</sup> Cf. 2011, p. 71.

<sup>11</sup> 1995, p. 75.

<sup>12</sup> Hegel, *Enciclopédia*, § 86, p. 175. Estas determinações do *ser* são referentes aos seus antecessores: Fichte e Schelling.

<sup>13</sup> Hegel, *Enciclopédia*, § 86, Adendo 1, p. 176.

<sup>14</sup> Cf. 2011, p. 71.

Hegel, não podemos parar no *ser* simples (como fizeram os antigos<sup>15</sup>), reconhecendo por verdadeiro simplesmente o *ser*, afastando toda a contradição ou colocando-a fora do *ser*. Pelo contrário, afirma Hegel, “o *ser*, como tal, não é algo fixo e último, mas, antes, converte-se como dialético em seu oposto, que tomado de modo igualmente imediato é o *nada*”<sup>16</sup>. Por isso, “o *ser*, o imediato indeterminado é de fato o *nada* e nem mais nem menos do que o *nada*”<sup>17</sup>. Se o *ser puro* é tomado como absoluto, o seu contra-conceito deve ser igualmente absoluto, estando no mesmo registro, no absoluto.

É desta forma que devemos encarar o *nada puro*. Nas palavras de Hegel: “ora, esse puro *ser* é *pura abstração*, e, portanto, o *absolutamente-negativo* que, tomado de modo igualmente imediato, é o *nada*”<sup>18</sup>. Ele (o *nada*) é ausente de determinação e de conteúdo, a “vacuidade perfeita”, porque está na imediatez, a mesma abstração vazia que o *ser*. Porém, o intuir e o pensar podem aqui ser evocados e possuem um significado. A reflexão tentará determinar o *ser* em contraposição ao *nada*, mas todas as determinações encontradas são, na verdade, determinações ulteriores e que não são o *ser puro*. O *ser puro* é indeterminidade; e só nessa pura indeterminidade ele é *nada*. Por conseguinte: “o *puro ser* e o *puro nada* são, portanto, o mesmo”; isto é, começos, abstrações vazias<sup>19</sup>.

*Ser* e *Nada* são (1) igualmente inseparados e inseparáveis, isto é, o mesmo; mas também são (2) absolutamente distintos, uma vez que não são o mesmo. Nas palavras de Hegel, “o *nada*, enquanto esse *nada* imediato, igual a sim mesmo, é também, inversamente, o *mesmo* que o *ser*. A verdade do *ser*, assim como do *nada*, é, portanto, a *unidade* dos dois: essa unidade é o *vir-a-ser*<sup>20</sup> [ou o *devir*]”. A unidade é o momento em que se “desaparece” seu contrário (ou melhor, onde a contradição é supracumida). Por isso, este movimento de

---

<sup>15</sup> Como pode se observar na filosofia de Parmênides. Cf. em: *Enciclopédia*, § 86, adendo 2, p. 177.

<sup>16</sup> Cf. *Enciclopédia*, § 86, Adendo 2, p. 178.

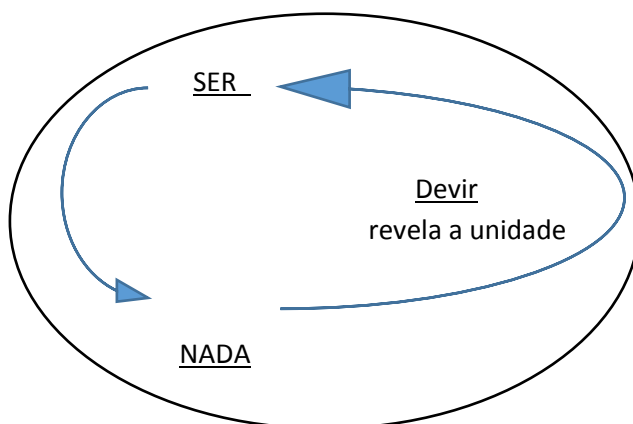
<sup>17</sup> Cf. 2011, p.71.

<sup>18</sup> Cf. *Enciclopédia*, § 87, p. 178.

<sup>19</sup> Diz Hegel: “[...] o *ser* é justamente apenas o que, de modo absoluto, carece-de-determinação; e a mesma carência-de-determinação é também o *nada*. A diferença entre esses dois é, pois, somente uma diferença “visada”, a diferença totalmente abstrata, que ao mesmo tempo não é diferença alguma” (*Enciclopédia*, § 87, Adendo, p. 179).

<sup>20</sup> Cf. § 88, p. 180.

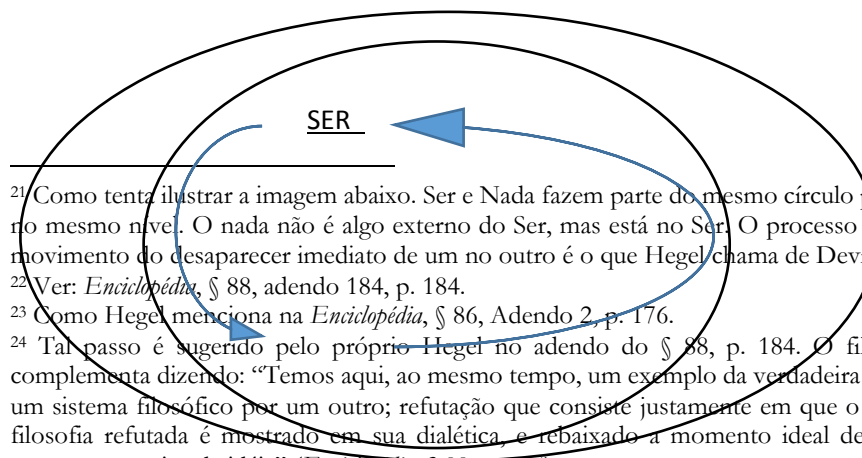
“desaparição imediata” é o que Hegel denomina como *devir*, o qual revela a unidade entre o *ser* e o *nada* absolutos<sup>21</sup>.



O *devir* é, portanto:

o primeiro pensamento concreto e, portanto, o primeiro conceito; enquanto, ao contrário, ser e nada são abstrações vazias. Se falamos do conceito do ser, então ele só pode consistir em ser vir-a-ser [*devir*]; pois, enquanto o ser é o nada vazio, como este, ao contrário, é o ser vazio<sup>22</sup>.

O *devir* revela a unidade entre as duas abstrações e, por isso, é o primeiro conceito concreto. Se cada momento deve ser entendido como um processo de desenvolvimento da ideia lógica<sup>23</sup>, o *devir* torna-se a primeira determinação verdadeira. Neste ponto, Hegel reconhece que Heráclito se esforçou para mostrar o devir como determinação fundamental de tudo o que é, dando um passo a mais do que os eleatas<sup>24</sup>. Mas o *devir*, tomado *em si* e *para si*, também é ainda uma determinação pobre e que deve desenvolver<sup>25</sup>.



<sup>21</sup> Como tenta ilustrar a imagem abaixo. Ser e Nada fazem parte do mesmo círculo porque estão no mesmo nível. O nada não é algo externo do Ser, mas está no Ser. O processo que revela o movimento do desaparecer imediato de um no outro é o que Hegel chama de Devir.

<sup>22</sup> Ver: *Enciclopédia*, § 88, adendo 184, p. 184.

<sup>23</sup> Como Hegel menciona na *Enciclopédia*, § 86, Adendo 2, p. 176.

<sup>24</sup> Tal passo é sugerido pelo próprio Hegel no adendo do § 88, p. 184. O filósofo ainda complementa dizendo: “Temos aqui, ao mesmo tempo, um exemplo da verdadeira refutação de um sistema filosófico por um outro; refutação que consiste justamente em que o princípio da filosofia refutada é mostrado em sua dialética, e rebaixado a momento ideal de uma forma concreta superior da idéia” (*Enciclopédia*, § 88, p. 184).

<sup>25</sup> Por isso, o segundo círculo em relação à primeira figura; isto é, o processo não termina no movimento do ser e do nada, mas é preciso continuar para que a Idéia possa se desenvolver plenamente.

Devir  
revela a unidade

NADA

### 3. Observações sobre a primeira tríade

Passaremos agora ao segundo momento do nosso estudo, no qual buscaremos, com base nas observações de Hegel, tecer alguns comentários sobre a tríade: *ser*, *nada* e devir; e a repercussão que isso tem.

#### 3.1. Oposição do ser e o nada na representação [observação 1]

A primeira observação de Hegel trata das oposições do ser e do nada na representação. Descreve as posições histórico-filosóficas das categorias do início. Contrapõe o enunciado que “nada nasce do nada” com o enunciado sobre “a criação do mundo a partir do nada”. Discute ainda sobre o contraste entre *ser* e *nada* com o pensar abstrato do entendimento, bem como a crítica de Hegel a Kant no que se refere à prova ontológica da existência de Deus.

Para tratar destes temas seguiremos o seguinte percurso, o mesmo proposto por Hegel: i) Oposições entre nada-algo, nada-ser, não ser-ser (§ 1); ii) As (o)posições histórico-filosóficas de Parmênides, budismo e Heráclito (§ 2); iii) A oposição entre *Ex nihilo nihil fit* [nada surge do nada] e *Creatio ex nihilo* [criação a partir do nada] (§ 3); iv) O contraste entre *ser* e *nada* com o pensar abstrato do entendimento (§ 4-6); v) A crítica de Hegel à Kant no que se refere à prova ontológica da existência de Deus (§ 7-12).

i) O primeiro impacto está no modo de compreender as oposições entre nada-algo, nada-ser, não ser-ser (§ 1)<sup>26</sup>. Hegel diz que o *nada* deve ser assumido na sua “simplicidade indeterminada”, no entanto, comumente opõe-se o *nada* a *algo*, e que esse nada é um nada determinado, pois está oposto a um algo, que é determinado, pois se distingue um algo de outro algo. Porém, coisa

---

<sup>26</sup> Cf. 2011, p. 72.

nenhuma teria a argumentar de modo contrário se essa forma da oposição fosse considerada ao *não ser*, uma vez que no *não ser* está contida a relação com o *ser*.

ii) As (o)posições histórico-filosóficas de Parmênides, budismo e Heráclito sobre o nada (§ 2)<sup>27</sup>. Para Hegel, o pensamento simples do *puro ser* foi expresso pela primeira vez pelos *Eleatas*<sup>28</sup> “[...] como sendo o absoluto e a única verdade [...]”<sup>29</sup>. No verso fragmentado do poema filosófico de Parmênides, este já expressou que *apenas o ser é e o nada não é*. E contra a abstração simples do eleata, o pensador efésio<sup>30</sup>, Heráclito, expressou que *o ser é tampouco como o nada*, e ainda *tudo flui*, ou seja, tudo é *devir*. Hegel também menciona o budismo em que o *nada* é o princípio absoluto, e ditos populares orientais que expressam a unificação entre o *ser* e o *nada*. Mas, nessas expressões, *ser* e *nada* não são pensados em sua abstração, mas, sim, representados no tempo e se alternando no tempo, porém não são abstraídos do tempo. Esta é uma grande diferença para a posição de Hegel, uma vez que a primeira tríade inicia-se de maneira atemporal.

Em terceiro lugar, temos a oposição entre *Ex nihilo nihil fit* [nada surge do nada] e *Creatio ex nihilo* [criação a partir do nada] (§ 3)<sup>31</sup>. Na *Ciência da Lógica*, Hegel diz que se pode ver no enunciado “nada surge do nada”: i) somente uma tautologia com falta de conteúdo, isto é, apenas a repetição de diferentes palavras para expressar a mesma ideia de que “nada é nada”; ou ii) caso o *devir* tenha nele um significado real, não há nele nenhum *devir*, o nada permanece o nada, pois “o *nada do nada* devém”. Pois é o “[...] devir que contém que o nada não permanece nada, e sim passa para o seu outro, para o ser”<sup>32</sup>. Hegel observa ainda que a metafísica posterior ao “nada surge do nada” rejeitou esse enunciado, e sustentou a passagem do nada ao ser. A importância do enunciado está na sua oposição contra o *devir* e, desse modo, contra a criação do mundo “a partir do nada”<sup>33</sup>. Segundo Hegel, aqueles que defendem que nada surge do nada concordam com o panteísmo dos Eleatas ou de Espinosa.

---

<sup>27</sup> Cf. 2011, p. 72-73.

<sup>28</sup> Pertencentes a Escola Eleática, da cidade de Eléia (Itália). Entre os pensadores desta escola encontram-se Parmênides, Xenófanes, Zenão e Melisso.

<sup>29</sup> Cf. 2011, p. 73.

<sup>30</sup> Da cidade de Éfeso, região da Jônia (Turquia).

<sup>31</sup> Cf. 2011, p. 73-74.

<sup>32</sup> Cf. 2011, p. 73.

<sup>33</sup> A metafísica, especialmente a cristã, sustenta que Deus criou “do nada” (*ex nihilo*) um mundo ordenado e bom, e também que Deus conserva e sustenta a sua criação em seu Ser.



Num quarto momento, temos o contraste entre *ser* e *nada* com o pensar abstrato do entendimento (§ 4-6)<sup>34</sup>. Nos três parágrafos seguintes, Hegel contrasta o resultado da dialética do ser e do nada com o pensar abstrato do entendimento. Diz também que o mesmo que foi dito sobre a imediatidade e a mediação deve ser dito sobre o *ser* e o *nada*, assim, não existe algo “[...] *que não contenha em si mesmo ambos, o ser e o nada*”<sup>35</sup>. E ainda que, exceto o *devir*, as determinações lógicas posteriores são exemplos de que o *ser* e o *nada* são o mesmo. Isso modifica o sentido daquele enunciado anterior, pois “[...] é o mesmo se sou ou não sou, se essa casa é ou não é, se esses cem táleres<sup>36</sup> estão ou não em meu patrimônio”<sup>37</sup>.

No quinto e último momento, temos a crítica de Hegel a Kant no que se refere à prova ontológica da existência de Deus (§ 7-12)<sup>38</sup>. Hegel aponta que, para Kant, o ser não é um predicado real, o ser não é uma determinação de conteúdo. Nas palavras dele: “Para esse conteúdo considerado isoladamente é de fato indiferente ser ou não ser; não há nele uma diferença entre ser ou não ser [...]”<sup>39</sup>. A crítica kantiana apresentada tornou-se plausível pelo fato de que cem táleres efetivos são distintos de cem táleres possíveis. O conceito e o ser “são distintos um do outro” e, por conseguinte, “o conceito de Deus é distinto de seu ser”, isso é próprio da “definição das coisas finitas”<sup>40</sup>. Todavia, a “definição abstrata” de Deus é precisamente que seu conceito e seu ser são *inseparados* e *inseparáveis* (p. 79-80). Isso ocorre justamente porque o ser puro possui como característica a indeterminidade.

### **3.2. Deficiência da expressão unidade, identidade do ser e do nada [observação 2]**

**A segunda observação de Hegel ao devir trata da deficiência da expressão unidade, identidade do ser do nada. E que a diferença do ser e do nada não consiste neles mesmos, mas no devir. Mais uma vez, como metodologia, a apreciação que se segue tem a seguinte estrutura: a) A imperfeição do enunciado da identidade do ser e do nada (§ 1); b) A**

---

<sup>34</sup> Cf. 2011, p. 74-76.

<sup>35</sup> Cf. 2011, p. 74.

<sup>36</sup> Taler: Antiga moeda prussiana, de prata.

<sup>37</sup> Cf. 2011, p. 75.

<sup>38</sup> Cf. 2011, p. 76-80.

<sup>39</sup> Cf. 2011, p. 76.

<sup>40</sup> Cf. 2011, p. 79.

deficiência do enunciado para exprimir a unidade especulativa (§ 2-3); c) A diferença do ser e do nada subsiste no devir (§4-5); d) Ser e existência (§ 6).

A imperfeição do enunciado da identidade do ser e do nada (§ 1)<sup>41</sup>. Contra a contradição aparente do enunciado sobre o *ser* e o *nada*, Hegel apresenta um motivo no qual diz que a expressão do resultado é imperfeita através do enunciado “*o ser e o nada são um e o mesmo*”. O sentido de ser *um e o mesmo* parece negar a diferença que surge imediatamente no enunciado, porquanto “[...] ele exprime *ambas* as determinações, ser e nada, e as contém como distintas”<sup>42</sup>. E na medida em que “*o ser e o nada é o mesmo*” exprime a identidade dessas determinações, mas contém ambas como distintas o enunciado se contradiz a si mesmo, um enunciado em que “[...] ocorre nele mesmo o que deve constituir seu conceito próprio, a saber, o *devir*”<sup>43</sup>.

A deficiência do enunciado para exprimir a unidade especulativa (§ 2-3). Isso significa que o enunciado *contém* o resultado, isto é, a coisa anunciada é esse resultado *em si* mesmo. Entretanto, Hegel chama a atenção para a seguinte deficiência do enunciado: “[...] o resultado não é ele mesmo *expressado* no enunciado, é uma reflexão exterior que o reconhece nele”<sup>44</sup>. Hegel faz ainda uma observação no seguinte sentido, de que o enunciado na “forma de um juízo” é inapropriado para expressar verdades especulativas. O juízo, diz Hegel, é uma relação *idêntica* entre o sujeito e o predicado. No juízo se abstrai: i) “[...] do fato de que o sujeito ainda tem mais determinidades do que aquelas do predicado”<sup>45</sup>; e de ii) “[...] que o predicado é além do sujeito”<sup>46</sup>. Entretanto, se o conteúdo é especulativo, “[...] então também o *não idêntico* do sujeito e do predicado é momento essencial, mas isso não está expresso no juízo”<sup>47</sup>. Assim, se o enunciado na forma de um juízo não é apropriado para expressar verdades especulativas, a deficiência é de início corrigida, a fim de

---

<sup>41</sup> Cf. 2011, p. 80.

<sup>42</sup> Cf. 2011, p. 80.

<sup>43</sup> Cf. 2011, p. 80.

<sup>44</sup> Cf. 2011, p. 80.

<sup>45</sup> Cf. 2011, p. 81.

<sup>46</sup> Cf. 2011, p. 81.

<sup>47</sup> Cf. 2011, p. 81.

expressá-las, e o enunciado oposto é acrescentado, o enunciado “*o ser e o nada não é o mesmo*”. Com isso, surge a dificuldade com o termo “unidade”, no sentido de que esses enunciados não são unidos, e a unificação somente pode ser expressa como *um movimento*. A “unidade designa mais do que a *identidade* uma reflexão subjetiva; ela é especialmente tomada como a relação que decorre da *comparação*, da reflexão exterior”<sup>48</sup>. Para Hegel, melhor seria o termo “não-separação” e “inseparabilidade”.

É importante notar que a diferença do *ser* e do *nada* subsiste no *dever* (§ 4-5)<sup>49</sup>. Hegel deve mostrar como superar a tautologia de um ser sem relação e que é o mesmo que nada<sup>50</sup>. O resultado – o qual não é a unidade abstrata e unilateral – é o *dever*. Nesse movimento subsiste o puro ser e o puro nada, a diferença entre o ser e o nada, afirmada pelo resultado, é apenas *intencionada*. O ser e o nada são de igual modo indeterminado, a diferença entre ser e nada não consiste neles mesmos, mas em um terceiro: no *visar*. O ser e o nada têm sua subsistência no *dever*, e é no *dever* que ser e nada são distintos. Diz Hegel: “O *dever* é o subsistir do ser bem como do não ser [...] justamente esse seu subsistir é o que igualmente supera sua diferença”<sup>51</sup>.

O ser e a existência (§ 6)<sup>52</sup>. Junto com a exigência de indicar a diferença do ser e do nada, há a exigência de dizer o que é o ser e o nada. A existência, quando se apresenta igual ao ser, é o *complemento à possibilidade*, esta pressuposta como determinação, mas “[...] o ser não é expresso em sua *imediatez* [...]”<sup>53</sup>. A expressão existência é mantida para o ser que é *mediato*, como “[...] a luz turva e a escuridão clareada que têm a diferença nelas mesmas e, assim, são ser determinado, *existência*”<sup>54</sup>.

---

<sup>48</sup> Cf. 2011, p. 81.

<sup>49</sup> Cf. 2011, p. 82.

<sup>50</sup> Dificuldade apontada por LUFFT, 1995, p. 75 s.

<sup>51</sup> Cf. 2011, p. 82.

<sup>52</sup> Cf. 2011, p. 82-83.

<sup>53</sup> Cf. 2011, p. 83.

<sup>54</sup> Cf. 2011, p. 83.

#### 4. Considerações Finais

Depois deste percurso temos condições de tecer algumas considerações. Em primeiro lugar, podemos afirmar que Hegel quer tratar do *ser* como absoluto, independente de qualquer relação externa ou conteúdo subjetivo, por isso ele é indeterminado e o mesmo que *nada*.

Ocorre, num segundo momento, que o conceito de *ser* não expressa um mero vazio, mas uma única determinação válida para todas as coisas (tese), ou seja, um sinônimo de absoluto. O mesmo ocorre com o *nada*, que também não é um mero vazio, mas um momento de negação (antítese). O *nada* é o contrário absoluto do *ser*. Ao inserir o *nada*, como contra-conceito do *ser*, Hegel não fere o princípio da não contradição exposto por Aristóteles. O mesmo não ocorreria se fosse o não-ser. O não-ser já é um resultado determinado, ele é uma negação do *ser*, ou seja, possui em si uma referência ao *ser*; sendo um é verdadeiro enquanto o outro é falso<sup>55</sup>. Porém, Hegel não está unindo conceitos que são mutuamente contraditórios, mas mostrando a movimentação interna. O *nada* mantém, portanto, uma relação interna com o *ser*; eles tomados em si são ambos falsos por serem unilaterais e só possuem verdade na sua síntese. É neste processo de determinação, neste automovimento da unidade da dialética (que é uma relação interna e includente) é que se encontra a verdade. A síntese, o *devenir*, revela a verdade (ou a unidade) de ser e nada.

O fato de Hegel estar ciente do princípio de não contradição já dá indícios que ele conhece a tradição platônica-aristotélica, o que nos leva a suspeitar da colocação de Höslé sobre a inversão do tratamento da qualidade e quantidade na lógica de Hegel. Esta ordem (qualidade depois quantidade) já está presente em Aristóteles, onde lemos: “De fato, se se considera a totalidade da realidade como um todo, a substância é a parte primeira; e se se considera ela segundo a série das categorias, também a substância é primeira, após vem a qualidade e depois a quantidade”<sup>56</sup>. É claro, todavia, que Hegel é um crítico da

---

<sup>55</sup> A diferença básica apontada por Luft é que o *nada* expressa um movimento em direção à resolução da falta, um processo de determinação. O não-ser é um conceito já alcançado, o resultado de um movimento, uma negação determinada. Imagine o seguinte exemplo: quando afirmo que estou tomando uma taça de chá inglês, a contradição seria afirmar ao mesmo tempo, e sobre o mesmo aspecto, a não-taça de chá inglês. O que Hegel parece chamar atenção é para o fato de que quando digo “não-taça” eu já tenho definido na negação o ser “taça”, ou seja, um resultado. Mas Hegel não quer o resultado definido, sem antes explicar o processo que ele passa.

<sup>56</sup> *Metafísica*, livro XII, 1069a20.

lógica tradicional; ele quer colocar movimento nas categorias fixas aristotélicas e mais, ele quer partir do mais imanente. O devir, “enquanto processo de autoconstituição recíproca”<sup>57</sup>, já nos mostra isso. É neste sentido, diz Luft, que “a lógica de Hegel se apresenta como uma metalógica, tematizando aquilo que a própria lógica aristotélica é incapaz de problematizar”<sup>58</sup>. Mas, o devir não é o fim, o movimento deve prosseguir da Lógica para a Natureza, chegando até o Espírito.

### Referências Bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Testo Greco in Fronte. A cura di Giovanni Reale. Milano: Bompiani, 2000.
- HEGEL, G. W. F. *Ciência da Lógica*. Seleção e tradução de Marco Aurélio Werle. São Paulo: Barcarolla, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio*: 1830 (v. 1). Traduzido por Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 1995.
- HÖSLE, Vittorio. *O Sistema de Hegel, o idealismo da subjetividade e o problema da intersubjetividade*. Tradução de Antonio C. Pinto de Lima. São Paulo: Loyola, 2007.
- LUFT, Eduardo. *Para uma Crítica Interna ao Sistema de Hegel*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. Coleção Filosofia 25.
- WERLE, Marco. “A lógica do ser puro: A. *Ser*, B. *Nada*, C. *Devir* = Unidade do *Ser* e do *Nada*”. In: G. W. F. Hegel. *Ciência da Lógica (excertos)*. Tradução de Marco A. Werle. São Paulo: Barcarolla, 2011, p. 67-72.

Data de Recebimento: 04/07/2013

Data de Aprovação para Publicação: 17/07/2013

---

<sup>57</sup> Expressão de LUFT, 1995, p. 81.

<sup>58</sup> 1995, p. 77.